

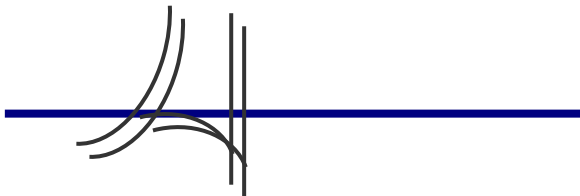
**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Handelsblatt, da Alemanha**

**Vitória-ES, 01 de setembro de 2009**

**Jornalista:** Presidente, eu queria saber um pouco sobre a relação pessoal do senhor com a Alemanha, um pouco sobre a Alemanha do passado e também hoje, como está a sua avaliação.

**Presidente:** Primeiro, a minha relação com a Alemanha é um pouco, eu diria, até sentimental porque eu tive, quando dirigente sindical nos anos 80, uma grande relação com o movimento sindical alemão, uma grande solidariedade que eles tiveram comigo nos anos 80 quando eu estava cassado, e eu penso que nós aprendemos muitas das coisas que fizemos no Brasil, aqui, com a experiência da história do mundo do sindicalismo alemão.

Depois tem uma história mais antiga que data, eu diria, da nossa convivência com os italianos, com os alemães que vieram para cá e conseguiram colonizar uma parte do nosso país. Você vai ao Rio Grande do Sul, você vai a Santa Catarina, ao Espírito Santo e a outras cidades em que você tem grandes colônias de descendentes alemães que, na verdade, ajudaram a desenvolver a indústria brasileira, ajudaram a desenvolver a agricultura brasileira. Só para você ter ideia... eu não sei se o pai da Dilma é austríaco ou alemão, mas o pai da Dilma era um que estava aqui por conta da guerra e depois terminou fundando a Mannesman junto com uns empresários alemães, lá em Belo Horizonte. Esta é uma história boa para você conversar com a Dilma. O pai dela estava fugindo da guerra e aí vieram montar a Mannesman aqui, procuraram um engenheiro e ele, então, foi um homem que foi diretor da Mannesman.



Então, a minha relação... e depois tem uma coisa muito estranha. A primeira autoridade, reconhecida mundialmente, que me recebeu na vida foi o Helmut Schmidt. Eu estava cassado, no sindicato, nos anos 80, quando o Helmut Schmidt veio aqui e os militares não queriam que ele me recebesse, e ele fez questão de me receber. Eu encontrei com ele no Hilton Hotel, em São Paulo. Ele já deve estar agora com 90 anos de idade,

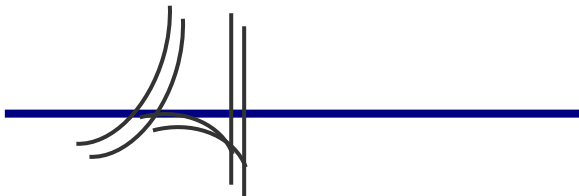
**Jornalista:** É, 90. Helmut Schmidt é um dos mais respeitados políticos da Alemanha até hoje.

**Presidente:** Depois, a minha relação com o Willy Brandt. Eu tive oportunidade de conviver, em várias reuniões, com o Willy Brandt. Depois, a minha reunião com o Schröder. Eu tinha boa relação com ele, tenho uma boa relação com a Angela Merkel.

**Ministro Miguel Jorge:** Teve boa com o Schröder também. Que era metalúrgico.

**Presidente:** Sim. Tinha muita relação com os partidos verdes, tinha relação muito forte com o SPD alemão, com a Fundação Friedrich Ebert. Então, é uma relação muito importante. A Fundação Friedrich Ebert ajudou a financiar muitos cursos do sindicato, de preparação dos dirigentes, então eu tenho uma relação muito forte com a Alemanha, muito próxima com a Alemanha.

**Jornalista:** Então eu queria saber como está no novo cenário mundial de mudança de poderes...que está mudando agora...como é esta estratégia, a parceria estratégica, como poderia...o que um país poderia dar para um outro país neste momento?

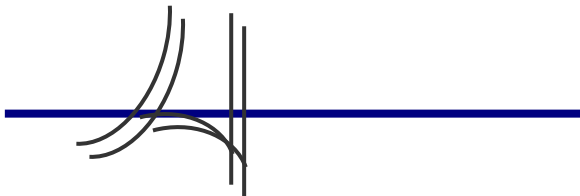


**Presidente:** Primeiro, o Brasil tem o privilégio de ter essa relação econômica com a Alemanha muito forte, possivelmente o Brasil seja o maior aporte de investimento da indústria alemã fora da Alemanha.

Agora, eu acho que o potencial de relação ainda pode crescer. O fato de nós termos uma parceria estratégica com a Alemanha e de termos uma parceria estratégica com a Europa, tem que permitir que a Alemanha aproveite esse bom momento que o Brasil está vivendo, ou seja, as pessoas sempre investiram aqui no Brasil, mas as pessoas sempre se queixavam da inflação, da instabilidade econômica, da instabilidade política. Hoje nós temos estabilidade política, estabilidade econômica, controle de inflação, temos credibilidade internacional e temos obras importantes a serem construídas no Brasil, sobretudo no setor energético, no setor de transporte. E eu penso que a Alemanha precisa outra vez redescobrir o Brasil para novos investimentos. Eu acho que o Brasil se apresenta neste momento como um porto seguro para possíveis investimentos alemães aqui no Brasil.

**Jornalista:** Sendo o Brasil a maior economia da América do Sul, e a Alemanha a melhor economia da Europa, não seria interessante se aproximar...fora da União Européia e fora do Mercosul, fazer uma coisa bilateral mais forte?

**Presidente:** Eu acho que nós precisamos fortalecer nossa parceria estratégica Alemanha e Brasil. Nós temos muita coisa em comum, sobretudo, veja, na questão do biocombustível. Ou seja, o mundo inteiro fala na questão climática, o mundo inteiro fala na questão ambiental, o mundo inteiro fala na criação de novas matrizes energéticas e o Brasil e a Alemanha podem juntos construir esse referencial de uma nova matriz energética para o mundo. O que eu tenho dito? Os biocombustíveis podem ser uma grande alternativa para a Alemanha e o Brasil trabalharem juntos em terceiros países. Quando eu falo em biocombustíveis, eu não estou querendo que a Alemanha destrua tudo o que

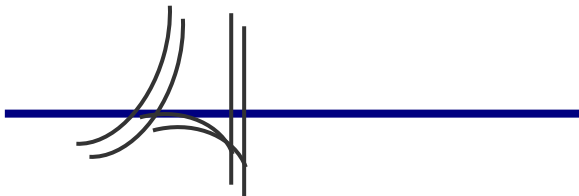


está arrumado na Alemanha de zoneamento agroecológico, de produção de alimentos. Também não estou dizendo que o Brasil tem que desmatar, que pode desmatar para plantar. Eu estou dizendo que um país rico como a Alemanha e um país que tem a quantidade de terras como o Brasil e a tecnologia na área de biocombustíveis podem construir parcerias e construir esses biocombustíveis em terceiros países, para que a gente possa oferecer ao mundo uma alternativa que seja mais saudável para a Humanidade.

**Jornalista:** Mas, a integração Mercosul e União Européia está válida, continua? Tem uma prioridade na política externa do Brasil?

**Presidente:** Continua. Veja, nós... para nós, a integração da União Européia com o Mercosul é extremamente importante. É importante para a Europa e é importante para o Brasil, sobretudo depois dessa crise. Veja, o que essa crise econômica mostrou para nós? Quem sofreu menos a crise foram os países que tinham diversificado a sua relação comercial. Quem sofreu mais foram os países que dependiam apenas de um mercado. Aqueles países que tinham diversificado, como era o caso do Brasil... Nós tínhamos, antes da crise, nos anos 2000, por exemplo, nós tínhamos quase 30% da nossa relação comercial com a Europa e quase 30% com os Estados Unidos. Quando eu fui a Davos, em janeiro de 2003, eu disse ao meu ministro Celso Amorim que era preciso trabalhar para que a gente mudasse a geografia comercial do mundo. O Brasil não poderia ficar dependente de dois blocos, ou seja, de um lado a América do Norte e do outro lado a Europa.

E começamos a viajar a América Latina. Eu visitei todos os países da América Latina, eu já visitei 22 países na África, já visitei 10 países no Oriente Médio, já fui duas vezes à China, já fui a Cingapura, já fui ao Japão. Por quê? Porque nós precisávamos descobrir novos mercados para os nossos produtos e quando veio a crise, embora a relação comercial do Brasil com a Europa

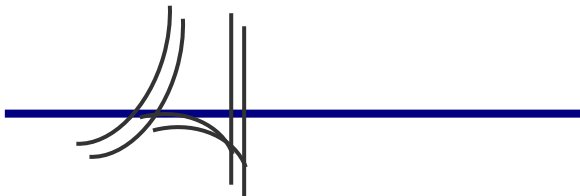


tivesse crescido 20% ao ano, a Europa não representava mais 30[%], representava apenas 14% ou 15% da nossa balança comercial. Então, o sofrimento pela crise foi menor do que de um país que era mais dependente.

Mas, sobretudo porque tem uma lógica que talvez não seja uma lógica que se aprenda na universidade, mas uma lógica muito da vida. Eu, antes de ser Presidente da República, dizia para todo mundo que eu queria um ministro do Comércio Exterior que fosse que nem um mascate. Aqui no Brasil – não sei se na Alemanha é assim – mas aqui no Brasil nós tínhamos antigamente um... nós chamávamos de “turco”. Todo mundo era “turco”. Era aquele cidadão que pegava uma sacola de pano, espécie de... e saía pela periferia batendo palmas e vendendo... entregava o pano, fazia uma cadernetazinha e todo mês ia cobrar uma prestação.

Então, eu dizia que eu queria um mascate, por quê? Porque a Alemanha é um país detentor de altas tecnologias e produtor das máquinas mais sofisticadas do mundo. Então, o poder de competir com a Alemanha nessa área é muito difícil. Com os Estados Unidos é a mesma coisa. Mas o Brasil produz uma infinidade de coisas, que podem competir com qualquer outro mercado da periferia do Planeta. Ou seja, coisas que os alemães produzem melhor do que nós, mais caro do que nós, mas que nós produzimos e que pode ser vendido para a África, pode ser vendido para a América Latina, pode ser vendido para qualquer país do mundo.

E aí eu acho que é um pouco o sucesso da política brasileira, ainda que... Eu tenho visto, o Miguel tem viajado muito com empresários, eu tenho visto que os empresários brasileiros estavam, até ontem, com a cabeça deles grudada diretamente nos países ricos e nos Estados Unidos. Ou seja, eles não trabalhavam a ideia de que tinham outros mercados para os seus produtos. Eu dou sempre o seguinte exemplo: máquinas agrícolas brasileiras. Dificilmente você vai conseguir vender uma máquina agrícola brasileira para a Alemanha porque ela produz, sofisticada e de qualidade. A nossa é sofisticada e de

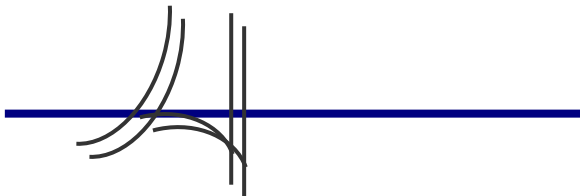


qualidade, mas talvez não tenha a sofisticação que tem a Alemanha. Então, onde é que nós temos que vendê-la? É na Argentina, é na Venezuela, é na Nicarágua, é na África, não é? Então, é essa novidade que eu acho que nós estamos descobrindo. É fazendo os empresários brasileiros compreenderem que a África está aí, que a América Latina está aí e que o Oriente Médio está aí e que nós precisamos competir.

E eu acho que a Alemanha pode participar desse processo. A Alemanha, que já tem uma tradição excepcional no Brasil, com empresas extremamente importantes. Eu poderia citar as mais famosas: a Mercedes Benz, a Volkswagen. Mas poderia citar a Bosch, que terminou fazendo a peça principal para o nosso *flex-fuel*. Essas empresas, daqui do Brasil, podem produzir para outros mercados. Eu achei muito interessante porque na crise econômica, enquanto todas as matrizes estiveram em crise, as filiais eram as que estavam dando lucro. Eram as que estavam dando lucro e o sucesso da indústria automobilística brasileira, no auge da crise... E nós não precisamos dar dinheiro para as pessoas comprarem carro. Nós apenas fizemos uma isenção de impostos e a indústria automobilística brasileira está em uma situação privilegiada.

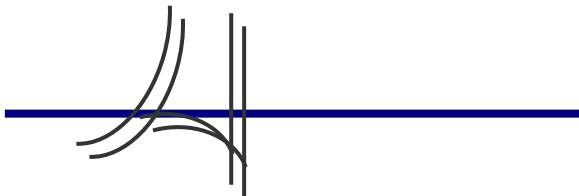
**Jornalista:** Posso trocar o assunto um pouco para a Sul América? Estamos falando já sobre Latino América... Queria saber um pouco mais para o lado político, agora. As tensões políticas da região estão aumentando. Aumento nos armamentos... também está previsto para aumentar. Tem um perigo iminente de uma guerra aqui? Ou está aumentando o perigo?

**Presidente:** Olha, não existe hipótese de se pensar em guerra na América do Sul, além da guerra verbal. Eu participei da Unasul, agora, em Bariloche, estive com o presidente Uribe, com o Chávez. Veja, tem divergências, em alguns momentos houve erros. O fato de a Colômbia ter invadido o território do



Equador não foi correto, e nem um país pode aceitar isso. O golpe que aconteceu em Honduras, agora, ninguém pode aceitar isso, porque acabou a era da ditadura, dos golpes militares. Agora é a era da democracia, do fortalecimento. Alguns países estão se ajustando porque os nossos países foram desmontados. As Forças Armadas brasileiras foram praticamente extintas, do ponto de vista da sua capacidade de produção de material de defesa. Um país tem que produzir no mínimo aquilo que é necessário para a persuasão ou dissuasão. O que nós precisamos, na verdade, é ter a dimensão do Brasil, o que nós precisamos preservar. Nós temos a Amazônia para cuidar, nós temos a nossa plataforma marítima para cuidar e, portanto, nós somos quase 16 mil quilômetros de fronteira seca. Nós precisamos nos preservar, precisamos nos cuidar, precisamos nos defender. Então, nós praticamente... eu digo o Brasil e outros países, com exceção da Colômbia que, por conta das Farc, manteve as suas Forças Armadas muito ativas.

Então, o que nós queremos? O Brasil é um país de tradição de paz. A todos os presidentes eu faço questão de dizer no meu discurso: só há uma possibilidade da gente crescer, melhorar a vida do povo, é a gente estar em paz, o país estar crescendo, gerando emprego e distribuindo renda. Fora disso, não existe possibilidade, a não ser que alguém queira fazer como o Bush, ou seja, vamos destruir o Iraque que depois nossas empresas vão construir o Iraque. No mínimo é uma loucura você imaginar que vidas humanas devem se expor a determinado tipo de comportamento. Eu falo isso porque a Alemanha tinha a mesma posição do Brasil e da França na guerra do Iraque. Ou seja, se dependesse de nós, se o Bush tivesse aceitado os nossos conselhos não tinha tido a guerra do Iraque e se o Saddam Hussein tivesse seguido os nossos conselhos não tinha a guerra do Iraque. Aquela, na minha opinião, foi uma guerra, foi um momento da insanidade e da grosseria humana. Mas, aqui na América do Sul eu posso lhe dizer com conhecimento de causa, com quase oito anos convivendo com os presidentes, há uma evolução política na América



do Sul, muitas vezes as pessoas ficam preocupadas porque o Evo Morales, porque o Rafael Correa, porque o Lugo, às vezes brigam com o Brasil. Eu entendo isso como normal. Era normal que, assumindo a Presidência desses países mais pobres, homens com perfil de esquerda, mais comprometidos com políticas sociais, era normal que eles começassem a exigir mais coisas dos países que têm mais. É assim no mundo inteiro. A Alemanha e a França, por serem os dois países maiores da Europa, quando tem desemprego na Turquia, quando tem desemprego em outro país menor, a culpa é da Alemanha. Então, nós temos que aprender a conviver com isso e saber que um país que tem a dimensão do Brasil não tem que ficar buscando confrontação com os países menores, com seus vizinhos. Tem que construir política de ajuda e de solidariedade para que esses países tenham chance de crescer junto com o Brasil, porque quanto mais eles crescerem, mais vão ajudar o Brasil a crescer.

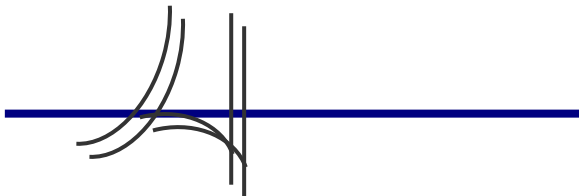
**Jornalista:** E vice-versa.

**Presidente:** E vice-versa. Agora, se a gente ficar brigando, não crescem nem eles e não cresce nem o Brasil.

**Jornalista:** O senhor entende o medo desses pequenos países de um Brasil superpotência que vai virar mais um poder econômico?

**Presidente:** Primeiro, eu sonho que um dia o Brasil será uma grande potência econômica, eu sonho. Aliás, trabalho muito para isso. Eu sei que isso leva um tempo. Pode levar 15 anos, 20 anos, mas as condições estão dadas para o Brasil se transformar em uma grande potência econômica mundial. Agora, o que é correto é que o Brasil não repita erros que aconteceram no passado. O Brasil não pode crescer sozinho e deixar do seu lado países pobres. O Brasil precisa crescer com esses países crescendo junto com o Brasil, porque aí não





será apenas o crescimento do Brasil, será o crescimento de toda a América do Sul, e o potencial é extraordinário. Do ponto de vista energético é extraordinário, do ponto de vista de preservação ambiental é extraordinário, como potencial de águas potáveis é extraordinário.

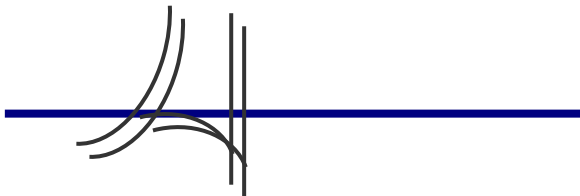
Eu acho que nós apenas precisamos... eu digo sempre para os meus amigos presidentes de outros países. Eu, quando tomei posse, tomei uma decisão na vida. O mandato era só de quatro anos. Então, eu não tinha tempo de ficar brigando com ninguém, eu tinha que governar. Eu não tinha que ficar brigando com aqueles que eu derrotei, não tinha que ficar brigando com os meus vizinhos, não tinha que ficar brigando com ninguém. Eu tinha que governar o País. Foi para isso que o povo me elegeu. Eu tenho dito para eles: nós não temos tempo, o mandato é muito curto para a gente ficar procurando coisas além da nossa responsabilidade. E por isso nós temos uma boa relação, uma relação de respeito com todos os presidentes. Eu faço muitas reuniões com todos eles, individualmente, que é para manter sempre um clima de amizade, um clima de afinidade e para que todos tenham a compreensão. Como é que nós vamos acabar com a miséria do Brasil, do Uruguai, do Paraguai, se a gente não trabalhar 24 horas por dia, encontrando fórmulas de desenvolver esses países?

**Jornalista:** Uma pergunta para a sua visão da América unida. A democracia vai ser o valor que vai ser funcional...

**Presidente:** O valor fundamental.

**Jornalista:** Fundamental. Pensando nos acontecimentos na Venezuela agora, a qualidade da democracia está diminuindo.

**Presidente:** Deixa eu dizer uma coisa com muito carinho. Eu aprendi, na



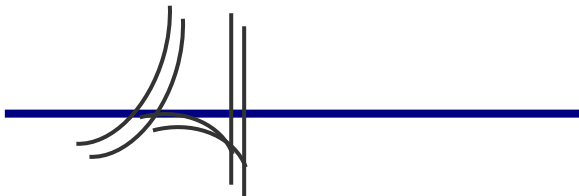
minha vida, a respeitar as políticas regionais, a política de cada país, em função da realidade política de cada país. A política que eu faço no Brasil não é igual à da Argentina, que não é igual à do Equador, que não é igual à da Bolívia, que não é igual à da Colômbia. Cada um tem a sua cultura, tem a sua história, e é em torno disso que nós nos movimentamos. Veja, eu posso lhe garantir que a América do Sul nunca viveu um momento tão forte de democracia como está vivendo hoje. Nunca viveu.

**Jornalista:** Não tem perigo para isso?

**Presidente:** Não existe possibilidade de interferir no Brasil. Veja, as pessoas se queixam porque o Chávez pediu o terceiro mandato. O Uribe também está pedindo e ninguém fala nada. Quantos anos Helmut Kohl ficou no comando da Alemanha? Nunca ninguém falou nada. Quantos anos ficou Felipe González no comando da Espanha? Ninguém falou nada.

Então, eu acho que há um certo preconceito pelo fato de um líder latino-americano querer um terceiro mandato. Deixe eu lhe dizer porque. Eu... para o caso do Brasil, também tentaram levantar a ideia de um terceiro mandato e eu rechacei logo. Por quê? Primeiro, porque a gente não pode brincar com democracia. Aquilo que a gente pensa que é bom para a gente, pode ser bom para os nossos adversários. Amanhã entra um fascista em um país desses e quer quatro mandatos, quer cinco mandatos, quer seis mandatos. Hitler nunca pensou em sair da Alemanha. Então, a democracia é a única garantia que eu tenho de que a gente pode promover a alternância de poder, e o povo ter, de quatro em quatro anos, a chance de dizer “Eu gosto” ou “Eu não gosto”.

E eu acho, veja, eu acho que... eu posso lhe dar um o testemunho de alguém que convive muito: não há hipótese e não há nenhuma possibilidade de a democracia da América do Sul ser arranhada. O que está havendo é um excesso de democracia, porque... vamos pegar... teve presidente que ganhou



as eleições, teve que convocar um referendo para a constituinte, teve que fazer a constituição, depois teve que fazer eleições. Em poucos... em um ano, um ano e meio, teve quatro eleições na Bolívia, na Venezuela...

**Jornalista:** Equador.

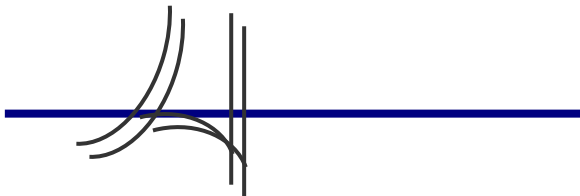
**Presidente:** ...no Equador. Então, eu acho que tem... eu acho que eles gostam muito de eleição porque... eu, aqui no Brasil, nós temos de dois em dois anos, eu já acho insuportável.

Mas eu posso lhe garantir: nós vamos ser exemplo de democracia no mundo.

**Jornalista:** Nós, Brasil ou...

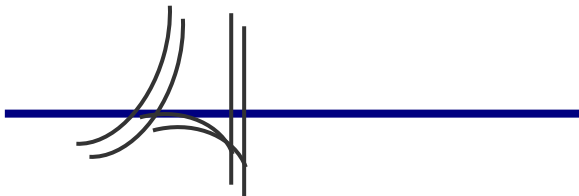
**Presidente:** Nós, América do Sul. Nós estamos construindo... de vez em quando as pessoas reclamam que demora muito a Unasul tomar decisão. Eu fico imaginando como é que foram as primeiras reuniões para construir a União Européia entre França e Alemanha. Ou seja, demoraram 50 anos, mas quando fizeram, fizeram uma coisa sólida, construíram um parlamento. Ainda assim, de vez em quando vai ter um plebiscito, um referendo para alguma coisa, a Europa não se coloca de acordo, ainda assim. Mas, o que é importante? O que eu tenho como exemplo da Europa é o exercício da democracia para construir a União Européia, e o Parlamento europeu, para mim, é um exemplo de uma coisa que eu quero fazer no Brasil, porque no ano que vem nós vamos ter eleição direta para o Parlamento do Mercosul. Vai ser uma experiência muito rica.

**Jornalista:** Vamos para o mundo agora, da América para o mundo, para o papel do Brasil no mundo. Não é uma ironia que o primeiro que viu o potencial



do Brasil lá fora foi um banco de investimento? O Goldman Sachs que colocou os Bric junto com um grupo que um dia mostrou que era o que eles achavam cinco anos atrás. Não há uma certa ironia?

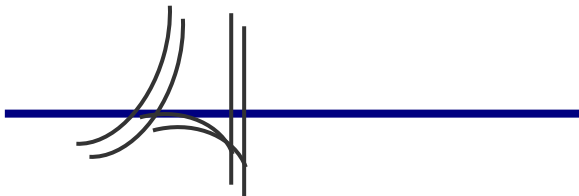
**Presidente:** Não. Deixa eu tentar lhe explicar uma coisa. Muito antes de um banco enxergar o Brasil como uma possibilidade enorme, é importante que a gente reflita que essa coisa que foi construída no Brasil não caiu do céu. Isso aqui foi construído com um sacrifício enorme. Você precisa lembrar que, em 2003, eu elevei o superávit primário para 4,25[%] e nós fizemos o maior ajuste fiscal da história de um país. Eu só pude fazê-lo porque eu tinha um capital político muito forte. Quando você tem um capital político muito forte, é hora de você tomar todas as decisões duras para que você possa reverter o inconformismo do povo nos próximos três anos. E nós fizemos... eu duvido que um economista formado em uma universidade tivesse a coragem de fazer o ajuste fiscal que eu fiz em 2003, duvido. Esse ajuste fiscal permitiu que, em 2004, o Brasil começasse a colher os primeiros frutos. A economia cresceu 5,8%. Depois veio a crise política. Também é preciso conhecer um pouco a história política. Eu... você nunca me viu falar em golpe, nunca me viu... eu não utilizo essas palavras. Mas houve interesse de uma parte da elite política deste país de tentar encurtar o meu mandato. Esse é um dado concreto, que não conseguiram fazer porque o povo está mais inteligente, está mais preparado e está mais participativo. Segundo, essas pessoas evitaram que o Brasil repetisse o crescimento de 5% em 2005. Nós tivemos uma queda em 2005 para voltar a crescer em 2006. Ou seja, nos últimos dois anos, a economia brasileira cresceu acima de 5,1%. A economia está estabilizada, a inflação controlada, a melhor taxa de juros da história deste país, 215 bilhões de reservas. Só para você ter ideia, em 94 [2004] eu fui para Índia e na Índia tinha US\$ 90 bilhões de reservas. Eu vinha com o Palocci no avião e falei: Palocci, se a gente chegasse a ter US\$ 90 bilhões de reservas, nós seríamos uma



potência. E começamos a discutir com o Banco Central a necessidade de comprar dólares. De repente, nós estamos com US\$ 215 bilhões, não devemos nada ao FMI. Pelo contrário, emprestamos dinheiro ao FMI, ou seja, estamos em uma situação muito confortável. E eu ainda não acho que o Brasil já completou a sua auto-afirmação. Nós ainda precisamos melhorar aqui, internamente, a nossa burocracia, nós ainda temos muita coisa que trava o Brasil, que trava, muita coisa que trava este país. Vai ter que destravar este país para facilitar investimentos, sabe, nós precisamos, para facilitar que as obras andem mais rápido. Mas nós vamos fazer, vamos fazer. Eu trabalho com a ideia de que em mais 10 ou 15 anos este país está em ponto de bala para ser uma grande economia, definitivamente.

**Jornalista:** Eu queria falar sobre o mundo, mas vamos agora, pegar o gancho...O capital político imenso do senhor, que é... mais popularidade, 80%. Não dá para usar esse capital mais para vir destravar o Brasil... (incompreensível)

**Presidente:** Deixe eu lhe falar uma coisa. É que não basta a gente ter um capital político pessoal muito forte. Esse capital político tem que ser combinado com a fotografia do Congresso Nacional. Eu espero, eu não tenho nenhum problema na Câmara, não tenho. Nós aprovamos tudo o que nós queríamos na Câmara, nesses oito [sete] anos de mandato. Nós temos um problema no Senado, onde a maioria do governo é muito apertada e onde alguns companheiros que, teoricamente, são da base do governo, de vez em quando votam contra (incompreensível). O que eu espero? Eu trabalho com a sensação de que, pela quantidade de governadores, tipo Paulo Hartung, tipo Eduardo... os jovens governadores, que todos estão administrando com muito sucesso, se eleitos senadores, nós vamos melhorar substancialmente a qualidade do Senado. Então, eu espero que quem seja eleito presidente da



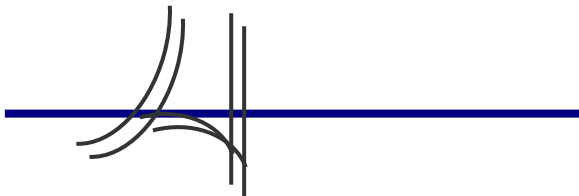
República para governar o Brasil de 2011 a 2014 tenha a tranquilidade no Senado que eu não tive, não só com apoio mais sólido e mais seguro, como também com a qualidade dos debates no Senado. Eu espero, trabalho com isso. Eu sou grato ao esforço que a minha base tem feito no Senado, mas a verdade é que é tudo muito difícil, pela pouca diferença entre...

**Jornalista:** Maioria e minoria.

**Presidente:** Para a gente aprovar uma emenda constitucional é quase impossível.

**Jornalista:** A primeira fase do governo do senhor era estabilizar a economia. A segunda, junto com... aumentar a possibilidade do social, de diminuir a diferença entre os pobres e os ricos do Brasil, esse era o grande feito do governo do senhor. Qual vai ser a próxima fase, depois dessas duas fases?

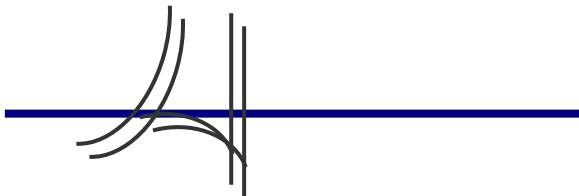
**Presidente:** Deixe eu lhe falar uma coisa. Eu tinha muito medo da reeleição, eu sempre tive medo da reeleição porque eu achava que... eu acompanho muito o futebol e, às vezes, eu vejo um time jogar muito bem no primeiro tempo e ser massacrado no segundo tempo, ou às vezes, vice-versa. Então, como eu tinha feito um primeiro mandato que eu considerava bom, e que poderia me reeleger, eu tinha medo do que fazer no segundo mandato, para não ficar na mesmice. Ou seja, o PAC era para ter sido lançado em 2006, em novembro. Foi um amigo meu que me alertou do seguinte: "Olhe, você não precisa do PAC para ganhar as eleições. Se você lançar o PAC agora, você vai empobrecê-lo, porque vai parecer uma peça de campanha". Eu lancei o PAC no dia 22 de janeiro de 2007. Bem, nós estamos concluindo agora a primeira fase do PAC. O que eu pretendo fazer? Eu pretendo, em janeiro de 2010, apresentar para o país um PAC 2011/2015. Porque eu preciso discutir com os



governadores atuais as prioridades de cada estado, as obras mais importantes do Brasil, começar a fazer projetos, começar a colocar dinheiro no orçamento, porque isso demora. Entre fazer o projeto executivo, pegar licença ambiental, fazer licitação e começar uma obra, às vezes leva dois anos. Então, se a gente não tiver os projetos prontos, a gente vai dificultar muito a vida de quem vem. Então, nós queremos deixar pronto para as pessoas. Além do que, nós temos uma novidade extraordinária, que é o pré-sal. Então, quem vier depois de mim vai pegar o Brasil mais estabilizado, com muitas obras em andamento e com muitas obras para serem feitas no futuro. Até porque eu acho que nós não temos que repetir esse meu segundo mandato, ou seja, precisa fazer mais e fazer melhor, se for possível. Nós estamos com muito investimento em educação. No pré-sal nós colocamos uma parte do Fundo é para educação, para ciência e tecnologia, para cultura, meio ambiente, para acabar com a fome no Brasil. Então, eu estou lhe falando do Brasil daqui a 20 anos. O auge do pré-sal vai ser mais ou menos em 2019. Então, o brasileiro que viver... que estiver vivendo até 2020, ele vai viver em um outro país.

**Jornalista:** O senhor... tem muitos países que descobriram uma grande reserva de petróleo e a maioria desses países não conseguiu resolver a imensa pobreza que tem nos países e também não... destruiu a indústria e a democracia também está em muitos países que têm muito petróleo, a democracia está muito fraca, não tem medo não?

**Presidente:** Não. É por isso que nós fizemos um marco regulatório, já pensando nessas coisas, países que descobriram petróleo e destruíram a sua indústria, países que descobriram petróleo e não resolveram o negócio da pobreza. Então, o que nós queremos? Primeiro, nós queremos construir uma grande indústria petrolífera no Brasil, fortalecer a indústria naval, fazer uma grande indústria petroquímica. E um pouco desse dinheiro, investir na inovação



tecnológica, porque o que vai garantir o futuro do Brasil será a formação do povo brasileiro. Então, nós pensamos nisso. Por isso que nós criamos esse Fundo, esse Fundo será gerido por gente do governo e pela sociedade civil, e nós não queremos que esse Fundo entre no orçamento da União, porque se entrar, dinheiro fácil a gente gasta fácil. Então, o que nós queremos é garantir o futuro do povo brasileiro com a constituição de um Fundo que assegure a gente cuidar da educação, ciência e tecnologia, da pobreza e, ao mesmo tempo, da cultura e do meio ambiente.

**Jornalista:** Por que a participação dentro dessas novas leis do petróleo, a participação do setor privado vai ser menos e a estatal vai aumentar muito?

**Presidente:** Veja, a do setor privado será mais do que em qualquer outro país que descobriu muito petróleo.

**Jornalista:** Sim, mas relativamente vai ser...

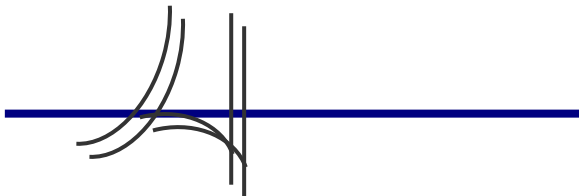
**Presidente:** Menos. Mas todos os empresários da área do petróleo sabem que no mundo do petróleo é assim. Eu não vi um empresário reclamar, ainda, do que nós estamos fazendo. Você veja que nós fizemos o que nenhum outro país fez. Nós deixamos 29% do pré-sal com os contratos de concessão e não mexemos. Nós estamos fazendo o que nenhum país do petróleo fez, e, sobretudo, porque nós temos uma empresa muito competente.

**Ministro Miguel Jorge:** (incompreensível) Petrobras, não é?

**Presidente:** Hein?

**Ministro Miguel Jorge:** Depois que a Petrobras descobriu petróleo, quebrou o





(incompreensível).

**Presidente:** A Petrobras foi expulsa de muitos países. A Petrobras... a maior reserva contínua de petróleo do mundo, a Petrobras descobriu no Iraque. Quando comunicou, o Saddam Hussein tomou da Petrobras.

**Ministro Miguel Jorge:** (incompreensível)

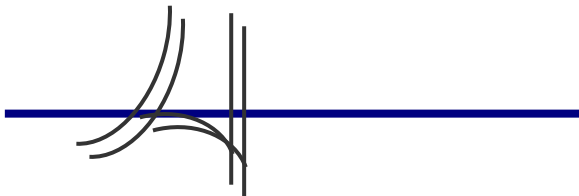
**Presidente:** Então você pode ficar certo de que aqui nós aprendemos a trabalhar com a iniciativa privada, a respeitar os direitos de cada um. Mas eu acho que nós estamos fazendo aquilo que é o correto, garantir que as empresas privadas ganhem o seu dinheiro, mas ao mesmo tempo garantir que o Estado brasileiro possa utilizar essa riqueza para cuidar do seu povo.

**Jornalista:** Mas o senhor concorda que o capital privado que entrou na época na Petrobras, na Vale, na Embraer ajudou muito essas empresas a deslanchar?

**Presidente:** Mas você concorda, também, que, em se tratando de petróleo, esses acordos mais vantajosos de concessão valem para áreas de risco. Mas nas áreas em que já está comprovada a existência de muito petróleo, esses acordos não existem em nenhum país do mundo.

**Ministro Miguel Jorge:** Três perfurações e 5% de acerto, não é, em São Paulo? (incompreensível)

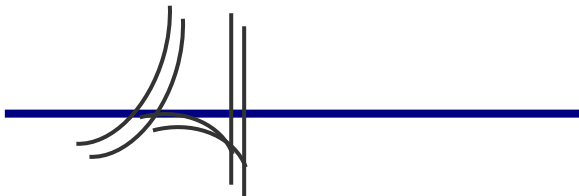
**Jornalista:** No mundo, o Brasil no mundo. Totalmente um outro assunto agora. G-20, o fórum do futuro, o fórum que dá para resolver problemas, é o fórum adequado ou tem que criar uma nova coisa?



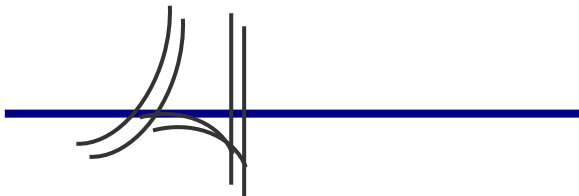
**Presidente:** Eu acho que o G-20 pode se transformar em um fórum do futuro. Não existe nenhuma lógica a continuidade do G-8. Veja, não sou eu que penso assim. Vários presidentes do mundo inteiro pensam assim. Aquilo existe há 36 anos, então aquilo virou um clube de amigos, um clube de amigos que se reúnem, mas que não tem mais a importância da decisão que tinha 30 anos atrás. Hoje você não pode fazer reunião sem enxergar a China, sem enxergar a Índia, sem enxergar o Brasil, sem enxergar a Rússia, sem enxergar a África do Sul, sem enxergar o México. Na época da crise, os países que estavam mais preparados para enfrentar a crise eram esses. Então, eu penso que se houver uma abertura na cabeça política de todos os companheiros do G-8, eles irão perceber que quanto mais países nós tivermos discutindo os nossos problemas, mais paz nós teremos, mais compromisso nós teremos. Então, eu acho que o G-20 é um fórum adequado para resolver o problema da crise e para resolver, independente dos outros. O Brasil participa do G-4 com a Alemanha, a Índia e o Japão, o Brasil participa do G-5, o Brasil participa do G-12. Ou seja, todo mundo tem os seus fóruns. Mas para discutir uma nova ordem econômica mundial, acho que o G-20 está de bom tamanho.

**Jornalista:** Além disso, o Brasil quer entrar no Conselho de Segurança da ONU, quer a reforma do FMI, quer do Banco Mundial. Tudo isso são... as reformas do sistema existente. Não é talvez melhor criar uma outra coisa?

**Presidente:** Deixe eu lhe falar uma coisa, deixe eu lhe falar. Qual é a explicação para a Alemanha não estar no Conselho de Segurança da ONU? Porque foi tomada uma decisão em 1948? Ora, se naquele tempo teve uma guerra, agora estamos em tempo de paz e a Alemanha é um exemplo extraordinário na União Europeia. Qual é a explicação para o Japão não estar? Porque a China não quer? Qual é a explicação para a Índia não estar? Qual é a



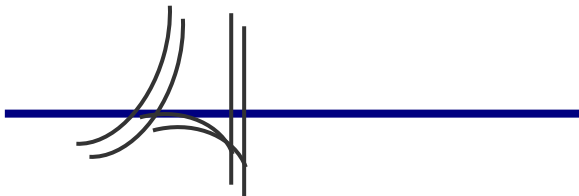
explicação para um país como o Brasil não estar? De um país como a África do Sul, como a Nigéria, não estar? Então, o Conselho de Segurança, tal como ele existe hoje, é improdutivo. Ele é improdutivo. Quando ele decide, as pessoas não cumprem. Então, era preciso dar mais representatividade, não na geopolítica de 48, mas na geopolítica de 2010. Como é que o mundo está hoje? Nem o mapa do mundo que gerou o Conselho de Segurança existe mais, tal como era. É apenas uma questão de bom senso. Por que nós queremos mudar a... democratizar o Banco Mundial, democratizar o FMI? Gente, é porque essas instituições financeiras multilaterais têm que estar a serviço dos países mais necessitados. É só por isso que nós queremos... E eu falo enquanto presidente de um país que tem hoje um BNDES com mais dinheiro que o Banco Mundial. Na hora em que o mundo desenvolvido descobrir que se a gente desenvolver os países pobres, os países pobres vão comprar coisas dos países ricos e, portanto, os países ricos vão crescer mais, a gente começa a facilitar a vida das pessoas. Como é que a gente vai querer que a África se desenvolva, se a gente não aporta recursos? Então, é por isso que eu quero democratizar todas essas instituições financeiras e o Conselho de Segurança. A OMC? Por que nós não fizemos o acordo na OMC? Nós chegamos tão perto, nós chegamos perto. Por que nós não fizemos? Porque tinha eleição na Índia e porque tinha eleição nos Estados Unidos. Agora, se a gente não fizer um acordo, o Brasil não precisa ganhar nada, mas que a gente permita uma abertura do mercado agrícola dos países ricos para os mercados pobres. Tem país em que o que eles produzem o ano inteiro são 400 toneladas de algodão. Se a gente não facilitar a vida dessas pessoas, para eles produzirem e venderem para nós, como é que esses países vão se desenvolver? Então, na verdade, durante seis anos eu pedi aos presidentes da República que quem deveria se sentar à mesa de negociação éramos nós. Nós é que temos os votos. Nós é que somos aplaudidos na rua ou xingados na rua. Os assessores que estão negociando, ninguém nem conhece. Então, quando você coloca



assessores que representam a União Europeia, que representam os Estados Unidos, essas pessoas não têm a sensibilidade política que tem um presidente. Então, eu falo: é tão importante, vamos sentar. Eles nunca aceitaram discutir isso no G-8, nunca aceitaram discutir. Então, não tem solução, não tem solução.

**Jornalista:** Uma pergunta importante sobre Copenhague. Eu queria saber...no meu ver, o Brasil hoje é uma potência mundial. Já é (incompreensível) no meio ambiente por causa do Amazonas, por causa do sistema sustentável de produção de energia. A posição do Brasil, como vai ser em Copenhague? Mudou nos últimos 3, 4 meses mudou, teve uma grande reviravolta. Como vai ser a exigência, como o Brasil vai apresentar a proposta do Brasil?

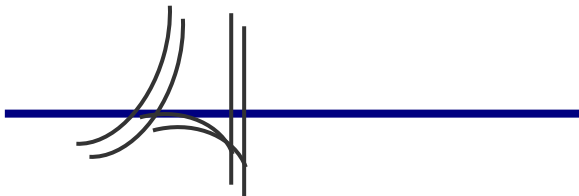
**Presidente:** Veja, o Brasil... o meu amigo Pinguelli Rosa, que é o coordenador da Comissão Nacional do Clima, mais o Ministério do Meio Ambiente estão trabalhando em uma proposta. Eu quero ver se até o final de setembro, começo de outubro, a gente tem a proposta brasileira para que a gente comece a procurar outros países, Alemanha, Estados Unidos, e ver se a gente constrói alguma coisa juntos. O Brasil vai levar para lá o seu zoneamento agroecológico, para a gente mostrar que a cana-de-açúcar não vai adentrar na Amazônia. O Brasil vai levar o seu Plano Nacional sobre Mudanças Climáticas, que cuida da questão da Amazônia com carinho especial. O Brasil vai levar o zoneamento agroecológico do dendê, o Brasil vai levar uma proposta de recuperação das terras degradadas no Brasil, porque o Brasil entende que a questão ambiental, hoje, é uma vantagem comparativa para o Brasil. Você está lembrado de que o desmatamento da Amazônia está caindo. E está caindo porque em vez de a gente ficar brigando com os prefeitos, nós reunimos os governadores e os prefeitos das cidades que mais fazem queimada para dizer para eles que é um prejuízo para eles, para o produto deles, que daqui a pouco



um país se recusa a comprar. Então, se ele plantar no lugar certo e preservar o que tem que preservar, é uma vantagem para ele. E o governo federal tem que dar incentivo. E isso está acontecendo e eu estou convencido de que finalmente nós entramos em um momento ambiental de extraordinária qualidade. Ontem mesmo, na questão do pré-sal nós discutimos. O gás do pré-sal tem mais CO<sub>2</sub>. Então, o que a Petrobras nos comunicou: que o gás do pré-sal vai ser reinjetado para facilitar a tirada de petróleo e, portanto, não causar os problemas aí, que poderiam causar, ambientalmente. Agora, nós vamos para lá para divergir dos países ricos, porque os países ricos têm sempre a mania de achar que o dinheiro resolve tudo. Então, de vez em quando você vê uma proposta. “Nós vamos criar um Fundo e vamos dar dinheiro pelo sequestro de carbono”. Não. Nós queremos o Fundo, nós já temos o Fundo Amazônia, onde a Noruega, sozinha, se dispôs a colocar um bilhão, nós somos agradecidos. Mas não basta criar um Fundo para ajudar o sequestro de carbono. É preciso que os países ricos assumam compromissos de diminuir as emissões de gases de efeito estufa.

**Jornalista:** Mas o Brasil também vai... apresentar metas obrigatórias...

**Presidente:** Nós estamos dispostos a discutir metas. Agora, essas metas têm que ser proporcionais à responsabilidade das emissões. Não venham dizer que um país como a China tem a mesma responsabilidade dos Estados Unidos, porque a China começou a ser industrializada há 25 anos, e os Estados Unidos há um século, a Inglaterra há um século. Então, é preciso que a responsabilidade seja proporcional ao tempo de descaso que os países tiveram com o meio ambiente. Eu acho que está havendo uma evolução, acho que está havendo uma evolução. Nós vamos chegar acho que a uma boa decisão em Copenhague. Eu só espero que países ricos como os Estados Unidos, que ainda nem assinaram Quioto, se comprometam com os compromissos de



Copenhague.

**Jornalista:** Muito bem. A última pergunta vai ser bem rápida. Depois de 1º de janeiro de 2011, o que o senhor vai fazer?

**Presidente:** Eu, sinceramente, não sei. Não sei e acho que não é correto começar a me preocupar agora com o que eu vou fazer em 2011. Eu tenho vontade de trabalhar em duas coisas. Eu tenho vontade de trabalhar no fortalecimento da integração da América Latina e tenho uma vontade imensa de trabalhar no continente africano, de tentar ajudar mais Guiné-Bissau, Gana, Cabo Verde, tentar ajudar esses países com as experiências que nós colocamos em prática no Brasil. Se for possível, eu vou fazer isso. Se não, eu vou cuidar da família, que faz 30 anos que eu não cuido.

**Jornalista:** Muito obrigado.

(\$31DHJMP)